

Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental:

**um livro de ioga e seu trânsito editorial
transnacional de Chicago a São Paulo (1903-1910)**



Montagem a partir da capa
do livro *Quatorze lições sobre
philosophia yogi e occultismo
oriental*, de Yogi
Ramacharaka, 1910,
fotografia.

Bruno Guaraldo de Paula Silveira

Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista
(Unesp-Franca). bruno.silveira@unesp.br

Quatorze lições sobre *philosophia yogi e occultismo oriental*: um livro de ioga e seu trânsito editorial transnacional de Chicago a São Paulo (1903-1910)

Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental: a yoga book and its transnational editorial transit from Chicago to São Paulo (1903-1910)

Bruno Guaraldo de Paula Silveira

RESUMO

Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental é um livro de ioga redigido em português, assinado por Yogi Ramacharaka, publicado em São Paulo pela editora do Brasil- Psychico-Astrologico em 1910. Porém, ao contrário do que possa parecer, ele não foi escrito por um guru indiano, tampouco é obra de um autor brasileiro: trata-se de uma tradução de *Fourteen lessons in yogi philosophy and oriental occultism* (1903), do escritor e editor estadunidense William Walker Atkinson (1862-1932). O objetivo deste artigo é entender como se deu o seu trânsito editorial de Chicago a São Paulo. Sustentamos a hipótese de que isso só foi possível graças aos esforços do editor luso-brasileiro Antônio Olívio Rodrigues (1879-1943), que mediou a autorização, a tradução, a edição e a venda do livro no mercado editorial paulistano.

PALAVRAS-CHAVE: história do livro; trânsito transnacional; livro de ioga.

ABSTRACT

Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental is a yoga book written in Portuguese, signed by Yogi Ramacharaka, published in São Paulo by the Brasil-Psychico-Astrologico publishing house in 1910. However, contrary to what it may seem, it was not written by an Indian guru, nor is it the work of a Brazilian author: it is a translation of Fourteen lessons in yogi philosophy and oriental occultism (1903), by the American writer and editor William Walker Atkinson (1862-1932). The purpose of this article is to understand how his editorial transit from Chicago to São Paulo took place. We defend the hypothesis that this was only possible thanks to the efforts of the Portuguese-Brazilian editor Antônio Olívio Rodrigues (1879-1943), who mediated the authorization, translation, edition and sale of this book in São Paulo's publishing market.

KEYWORDS: history of the book; transnational transit; yoga book.



O estudante que examinou e se informou cuidadosamente dos princípios fundamentais da Philosophia Yogi, tal como estão expostos nestas lições, facilmente verá que qualquer que chegue até elles e aceite esses ensinamentos, e faça-os uma parte da sua vida diária, levará naturalmente uma vida muito diferente da vida daquelle para quem, esta presente vida terrestre é tudo; que acredita que a morte extingue a individualidade e que não há vida ou vidas futuras. Também conduzil-o-á a viver uma vida um tanto diferente da vida da pessoa que acredita que somos apenas criações de uma Providência mais caprichosa do que outra cousa, tendo apenas uma pequena responsabilidade

*propria e que a nossa “Salvação” depende de uma “crença” superficial em certos ensinamentos, e uma forma estabelecida de assistência a certas formas de culto religioso.*¹

Estas são as palavras de Yogi Ramacharaka, em uma de suas lições sobre ioga e ocultismo oriental compiladas em um livro de bolso de 360 páginas, publicado em São Paulo pela primeira vez em 1910 pela editora do Brasil-Psychico-Astrológico. A julgar tanto pelo título da obra, *Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental* (1910), quanto pelo estilo da escrita, exemplificado no excerto acima, se poderia acreditar que o autor era um guru, ou seja, um sábio professor de ioga, que estaria expondo a seus leitores – considerados então como “estudantes” ou “discípulos” – os mais elevados ensinamentos filosóficos e ocultistas provindos das distantes e misteriosas terras da Índia.

Aquele que ainda houvesse despertado seu interesse em espiritualismo e orientalismo, seguindo as fortes tendências do período², ou que quisesse ampliar seus conhecimentos sobre a ioga, especificamente, não teria dificuldade em adquiri-lo: uma vez que dispusesse de cinco mil réis, bastaria comparecer à Livraria d’O Pensamento, localizada na rua Senador Feijó, nº 1-A, no bairro da Liberdade; no caso de viver em outra cidade, deveria enviar uma correspondência ao diretor do Brasil-Psychico-Astrológico, o senhor Antônio Olívio Rodrigues (1879-1943), residente no mesmo endereço, solicitando o título.

O livro original, *Fourteen lessons in yogi philosophy and oriental occultism*, foi publicado pela primeira vez na cidade de Chicago pela Yogi Publication Society em 1903. E o suposto guru é, na verdade, um pseudônimo de William Walker Atkinson (1862-1932), prolífico escritor e advogado estadunidense, ligado ao movimento New Thought, sem vínculo aparente com a tradição védica e do qual não existem registros de uma iniciação formal na ioga.

Constata-se, portanto, que, para que essa obra em inglês começasse a circular em português em São Paulo, sete anos mais tarde, alguém teve que necessariamente promover seu trânsito editorial transnacional. O que incluiu a obtenção de uma autorização por parte do autor, a realização da tradução, a edição e impressão dos volumes e sua distribuição entre o público leitor paulistano. É de tal movimento que trata este artigo.

O Renascimento Hindu e a popularização da ioga no Ocidente

Em 1910, aos olhos de um leitor comum que se debruçasse sobre *Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental* com fascínio e que não se preocupasse com uma reflexão crítica sobre sua origem ou legitimidade, algumas de suas características menos óbvias decerto passariam despercebidas. Para ele, talvez o misterioso Yogi Ramacharaka fosse de fato um sábio indiano. Talvez as lições compiladas em seu livro fossem extraídas dos textos milenares da cultura védica, que servem de referência aos hinduístas. Talvez os

¹ RAMACHARAKA, Yogi. *Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental*. São Paulo: Brasil-Psychico-Astrológico, 1910, p. 329 e 330.

² Ver BOWLIN, Daniel. *The American phantasmagoria: the rise of spiritualism in nineteenth-century America*. Dissertação (Mestrado em História) – Eastern Michigan University, Ypsilanti, 2019, p. 8-15.

“mistérios” revelados em suas páginas pudessem satisfazer, mesmo que momentaneamente, sua sede de conhecimento sobre o oculto e o intangível.

Para o historiador do livro, contudo, questões como essas constituem o fundamento de sua atividade científica. Quem é, de fato, o Yogi Ramacharaka? De que referências ele lançou mão ao escrever *Quatorze lições sobre filosofia yogi e ocultismo oriental*? Onde, quando e como ele foi publicado pela primeira vez? Como se deu seu trânsito editorial transnacional dos Estados Unidos para o Brasil? Existem dados sobre sua recepção? É possível traçar um perfil de seu público leitor? Se, por um lado, existem perguntas em abundância, por outro as respostas podem ser difíceis de se encontrar.

Começando por nosso misterioso guru, o Yogi Ramacharaka, o exame de obras de ioga difundidas na sociedade paulistana entre 1910 e 1925 mostra que esse era, como já mencionado, o pseudônimo de William Walker Atkinson, que ao longo de três décadas escreveu cerca de cem livros e contribuiu com aproximadamente setecentos artigos, publicados sob diversos pseudônimos e em vários periódicos.³ Entre suas produções estão alguns *best-sellers*, como os pioneiros no gênero de autoajuda, *The secret of success* (1908) e *Thought vibration* (1908), que pregam a importância de se cultivar o “pensamento positivo” com a finalidade de atrair a boa sorte e a fortuna.

Tais livros são, inclusive, precursores da obra de Rhonda Byrne, autora de *The secret* (2006), que se tornou um *best-seller* no século XXI. Atkinson é famoso também por escrever o livro de magia cabalística e ocultismo *The kybalion* (1908), sob o pseudônimo de Os Três Iniciados, cuja premissa seria transmitir os ensinamentos de Hermes Trismegisto, tal como figuravam na Tábua de Esmeralda e como eram ensinados no Egito Antigo. Com o tempo, esse livro se impôs como uma espécie de leitura obrigatória nos meios ocultistas e até hoje é extremamente difundido.

Na literatura acadêmica, não existem muitos apontamentos sobre as exatas referências utilizadas por Atkinson na sua produção sobre ioga, tal como o *Fourteen lessons in yogi philosophy and oriental occultism*; porém, uma observação mais atenta do contexto histórico em que o autor se inseriu pode lançar alguma luz sobre o problema. Entre o final do século XIX e o início do XX principiou a tomar força um movimento social, político e cultural conhecido como Renascimento Hindu⁴, em meio ao qual diversos intelectuais e líderes espirituais indianos – numa tentativa de contestar o colonialismo e de inverter o fluxo cultural hegemônico do Ocidente sobre o Oriente –, se puseram a viajar para a Europa e os Estados Unidos com o intuito de disseminar seus conhecimentos entre os ocidentais, e ocupando, por vezes, o centro das atenções.

Exemplo inicial disso foram as ações pioneiras da Sociedade Teosófica (ST) para popularizar temas do Oriente, como o budismo, o hinduísmo e a ioga, entre leitores do Ocidente.⁵ A ST é uma organização religiosa fundada em Nova Iorque em 1875 pela escritora espiritualista ucraniana Helena Petro-

³ Ver SILVEIRA, Bruno Guaraldo de Paula. *O guru de papel: livros de ioga na São Paulo da Belle Époque (1910-1925)*. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca, 2019, p. 61.

⁴ Ver SARMA, Dittakavy Subrahmanya. *Studies in the Renaissance of Hinduism: in the nineteenth and twentieth centuries*. Benares Hindu University, 1944.

⁵ Ver OATES, Lori Lee. Imperial occulture: the Theosophical Society and transnational cultures of print. *The International History Review*, v. 43, n. 4, London, nov. 2020.

vna Blavatsky (1831-1891) em parceria com o coronel aposentado estadunidense Henry Steel Olcott (1832-1907), que foi um dos primeiros ocidentais formalmente convertido ao budismo. Em 1878, após uma breve passagem por Londres, Blavatsky e Olcott radicaram-se na Índia, na cidade de Adyar, na então província de Madras, de onde passaram a editar um importante periódico de circulação transnacional, o *The Theosophist* (1879-atual), e de onde escreveram e divulgaram uma enorme quantidade de livros sobre ocultismo, espiritualismo, orientalismo e ioga, amplamente lidos pelas sucursais da ST, que foram surgindo posteriormente na Europa, África, Ásia e Américas.

Outro exemplo significativo foi o evento World's Parliament of Religions, ocorrido na World's Columbian Exposition em Chicago, em 1893, quando o líder religioso hinduísta Swami Vivekananda (1863-1902) proferiu o famoso discurso *Sisters and brothers of America*⁶, considerado por muitos como uma das primeiras introduções formais do hinduísmo e da ioga ao Ocidente. Vivekananda também editou um periódico anglófono que circulou na Índia, o *The brahmavadin* (1895-1914), e foi autor de diversos livros de ioga, como *Raja yoga* (1896), *Karma yoga* (1896) e *Jnana yoga* (1899).

Houve ainda o notável caso do primeiro historiador e primeiro não europeu a receber um Prêmio Nobel de Literatura em 1913, o erudito Rabindranath Tagore (1861-1941), e sua aclamada obra poética, *Gitanjali* (1910). Brâmane, provindo de família influente, com frequência ele denunciou os abusos do *Raj* britânico e advogou a independência da Índia. Reuniu grande obra artística de sua terra, sendo um expoente do movimento denominado Renascimento de Bengala.⁷ Nesse mesmo período e um pouco adiante, foram relevantes as contribuições do Sri Aurobindo (1872-1950) e de Mohandas K. Gandhi (1869-1948), mais conhecido como Mahatma Gandhi, tanto para a expressão de uma cultura indiana emancipada dos padrões europeus – para o que contribuíram como autores de livros –, quanto para o importante Movimento de Independência da Índia, que, depois de muita luta, foi bem-sucedido apenas em 1947.⁸

Por fim, convém mencionar as ações do missionário indiano Baba Premananda Bharati, que veio aos Estados Unidos em 1903 com a missão de propagar o Vaishnavismo Gaudiya, um ramo do hinduísmo centrado no louvor a Krishna, uma encarnação do próprio deus Vishnu, uma das figuras mais destacadas do panteão hindu. Bharati é considerado por alguns estudiosos como um líder hinduísta pioneiro no Ocidente, fundador de uma das primeiras editoras sobre hinduísmo em solo americano, a Krishna Samaj ou Krishna Home, e divulgador do hinduísmo por intermédio de palestras proferidas em Los Angeles e New York⁹ no início do século. Publicou ainda o livro religioso *Sree krishna: lord of love* (1904), e foi editor-chefe de dois periódicos, a revista *The Light of India* (1906-1908) e sua sucessora *East and West* (1910-1911).¹⁰

⁶ Ver VIVEKANANDA, Swami e SRINIVASAN, Shankar (orgs.). *Sisters & brothers of America: speech at World's Parliament of Religions*, Chicago: Arena Publishing Company, 1893.

⁷ Ver RHYS, Ernest. *Rabindranath Tagore: a biographical study*. London: Macmillan, 1915.

⁸ Ver JAMES, Lawrence. *Raj: the making and unmaking of British India*. Grã-Bretanha: Little, Brown, 1997.

⁹ Cf. CARNEY, Gerald T. Baba Premanand Bharati: his trajectory into and through Bengal Vaisnavism and the West. In: SARDELLA, Ferdinando e WONG, Lucian (orgs.) *The legacy of Vaisnavism in colonial Bengal*. London: Taylor and Francis, 2019, p. 87.

¹⁰ Cf. JONES, Constance A. e RYAN, J. D. *Encyclopedia of Hinduism*. New York: Facts on File, 2007, p. 80 e 81.



Um dado interessante, aliás, é que se verificou uma colaboração efetiva entre Atkinson e Bharati, quando o primeiro escreveu um artigo intitulado “Message of the East” na primeira edição da revista do segundo, *The Light of India*, publicada em outubro de 1906. Isso é um forte indício da troca de conhecimentos entre ambos, tendo Bharati influenciado o pensamento de Atkinson, inspirando-o a escrever e publicar seus livros de ioga sob o pseudônimo de Yogi Ramacharaka.

Além dessa conjuntura de efervescência política e cultural na Índia e seus desdobramentos no Ocidente, é sabido que nesse período, na transição do século XIX para o XX, observou-se um incremento e uma diversificação na produção de livros em todo o globo. Nas palavras de Steven Roger Fischer,

Foram as mudanças implementadas no século XIX que delinearam as práticas de leitura do mundo na maior parte do século XX. Mas a inovação, sobretudo tecnológica, continuava a caminhar a passos rápidos. Aprimoramento na fabricação de papel, na impressão e na encadernação resultaram em produções maiores e preços ainda mais baixos por exemplar. [...] Essas melhorias possibilitaram a produção em massa de livros encadernados em papel de “polpa mecânica” de qualidade inferior, gerando lucro suficiente para os editores financiarem outras edições. Como consequência os gostos tornaram-se mais refinados, já que mais leitores se familiarizavam com formas de arte até então “superiores a sua posição”. E começaram a exigir mais dessas formas artísticas. O livro se transformava em uma mercadoria de massa.¹¹

Ganharam ritmo acelerado as inovações técnico-científicas das indústrias, dos meios de comunicação e de transporte – com o advento das máquinas a vapor, das linhas de ferro e da rede telegráfica – e saltaram quantitativamente os índices de letramento das massas urbanas, que aumentavam de forma progressiva, na esteira da industrialização.¹² Esse processo de modernização se refletiu no mercado editorial, notadamente com o aumento da produção e consumo de livros e periódicos, que passaram a ser publicados nos formatos mais variados. A tendência do período foi a de popularizar ao máximo os impressos. Surgiram inúmeros títulos, vendidos a preços módicos, que oscilaram, por exemplo, entre crítica literária e teatral, órgãos noticiosos, folhetins ilustrados, colunas de *faits divers*, revistas satíricas, periódicos ligados a distintos grupos étnicos, de diferentes orientações políticas, ou periódicos vinculados a organizações religiosas.

O público leitor urbano de massa tornar-se-ia, assim, a base de sustentação de toda uma cultura midiática dos impressos¹³, periódicos e não periódicos, que organizaram uma verdadeira “civilização do jornal”.¹⁴ Os editores e livreiros mais atentos a essas mudanças, como provavelmente foi o caso de Atkinson, nos Estados Unidos, e de Antônio Olívio Rodrigues, no Brasil, souberam aproveitar-se dessas condições e acabaram lucrando muito em suas empreitadas editoriais.

¹¹ FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 269.

¹² Cf. idem, *ibidem*, op. cit., p. 271.

¹³ Cf. MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 175.

¹⁴ Ver KALIFA, Dominique, RÉGNIER, Philippe, THÉRENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

A história do livro sob uma perspectiva transnacional

*Pela sua própria natureza, portanto, a história dos livros deve operar em escala internacional e com método interdisciplinar. Mas não precisa ser privada de coerência conceitual, porque os livros fazem parte de circuitos de comunicação que funcionam segundo modelos homogêneos, por mais complexos que sejam. Exumando esses circuitos, os historiadores podem mostrar que os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem.*¹⁵

É dessa maneira que o historiador do livro Robert Darnton considera que a história dos livros deve ser operada: em escala internacional. Levando em conta a influência exercida pela produção livreira das metrópoles europeias, como Paris, Londres, Madri e Lisboa no território de suas antigas colônias, é praticamente impossível entender a dinâmica destas sem levar em conta a ação das primeiras. Ainda mais quando o período histórico estudado é a transição do século XIX para o XX, época em que os países da América, sobretudo de sua parte latina, encontravam-se tecnologicamente atrasados, no que tange aos parques gráficos, e subsidiários da Europa quanto à produção cultural.

Darnton propõe um modelo geral para entender os livros e como surgiram e se propagaram na sociedade em determinado período, ampliando o espectro de análise para além da relação autor-obra e dando maior importância ao circuito percorrido por eles. Claramente, tal proposta deverá variar na mesma proporção em que variam os contextos históricos e os objetos de pesquisa ao longo da história do livro, cuja trajetória vai desde os primeiros manuscritos de textos antigos e sagrados, exaustivamente compilados por monges no medievo, até à atividade das corporações e conglomerados editoriais e do comércio livreiro que compõem uma grande indústria na atualidade.

Porém, em todos os casos e em todos os tempos, os livros apresentam um ciclo de vida muito semelhante: todos têm um autor, que, por intermédio de um editor ou não, registra suas informações em certo material, que serve de suporte, e então divulga ou comercializa sua obra, que é finalmente recebida pelos leitores – o autor, por sua vez, é também um leitor e interage com textos de outros autores, com as críticas e elogios de seus próprios leitores e acaba fechando, desse modo, um circuito. Tudo isso acontece dentro de um contexto histórico específico, com suas conjunturas econômicas, sociais e culturais particulares e sanções políticas e influências intelectuais próprias.¹⁶

A esse modelo geral de análise Darnton denomina “circuito das comunicações”¹⁷, que é valioso do ponto de vista metodológico, uma vez que fornece um arcabouço de problemas ao lidarmos com as fontes históricas. Perguntas sobre quem, como, onde e porque são essenciais para se ter uma visão ampla do objeto de pesquisa e pensar os interstícios formados pelos ciclos de produção, difusão e recepção de um livro. Porém, se por essa via dispomos de

¹⁵ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 130 e 131.

¹⁶ Robert Darnton, historiador e bibliotecário vinculado à História Cultural, é um dos pioneiros da teoria e metodologia da História do Livro, e dedicou várias obras para o estudo do livro e da leitura durante a Revolução Francesa, como especialista que é em História da França no século XVIII. Entre outras obras importantes, ver DARNTON, Robert. *A questão dos livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, e *idem*, *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

¹⁷ *Idem*, *O beijo de Lamourette*, op. cit., p. 113.

elementos básicos para começarmos a compreender a história do nosso livro de ioga, faz-se necessária uma melhor demarcação de sua característica mais relevante para o que nos interessa aqui: seu trânsito editorial transnacional. Para tanto, Valéria dos Santos Guimarães já dedicou algumas páginas para a definição do conceito de “transnacional” ao se referir à imprensa publicada em língua diferente da considerada oficial no território em que circula:

Em resumo, transnacional poderia ser compreendido como aquilo que vai “além das” fronteiras, o que implica, segundo o próprio termo, mudança, transformação e até negação. Quando aplicamos o conceito ao objeto aqui delineado, pode-se entender transnacional como a criação de um espaço que transcende as fronteiras nacionais. [...] A aplicação do conceito transnacional coaduna-se, igualmente, com a natureza das fontes, tomadas na sua materialidade, ou seja, como suportes da informação.¹⁸

Ora, se considerarmos que *Quatorze lições sobre philosophia yogi e occultismo oriental* (1910) é uma tradução de um livro produzido e publicado originalmente em Chicago, ele, obviamente, passou por um trânsito editorial transnacional. Apesar das mudanças inevitáveis decorrentes da tradução e adaptação do inglês para o português, bem como das diferenças entre o público leitor estadunidense e o brasileiro, a obra atravessou as fronteiras de seu país de origem para alcançar leitores situados a mais de oito mil e quatrocentos quilômetros de distância, em um ambiente cultural totalmente diferente.

Como consequência dessa translação, é cabível formular a hipótese de que, ao mesmo tempo em que ocorreu a transferência e adaptação de uma obra literária, que é também uma mercadoria, deu-se uma transferência cultural entre o contexto de produção e o contexto de recepção. Nas palavras de Michel Espagne, uma transferência cultural operada por um livro define-se da seguinte forma:

Por transferência cultural entende-se uma orientação metodológica da pesquisa em história com vistas a pôr em evidência as imbricações e as mestiçagens entre os espaços nacionais ou, de modo mais geral, entre os espaços culturais, numa tentativa de compreender por quais mecanismos as formas identitárias podem alimentar-se de importações. O livro, sendo por excelência um objeto particularmente mutante, dotado a um só tempo de uma dimensão cultural e de um valor econômico, resultado de uma produção intelectual e de uma fabricação material, merece, especialmente, ser encarado sob esse ângulo.¹⁹

Partindo da constatação de que Atkinson foi influenciado por outras obras sobre hinduísmo e ioga, que começavam a ter grande circulação no período, como as de Baba Bharati e Swami Vivekananda, e que plasmou essa influência oriental em seu livro, que por sua vez foi traduzido e publicado no Brasil, temos estabelecida uma complexa teia de interações e adaptações de um mesmo tipo de conteúdo, que vai de Madras e Calcutá a Chicago e de Chicago a São Paulo, promovendo então transferências culturais entre áreas geo-

¹⁸ GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Da história comparada à história global. Rio de Janeiro: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ano 176, n. 466, Rio de Janeiro, 2015, p. 91 e 92.

¹⁹ ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e História do Livro. *Revista do Nele*, n. 2, São Paulo, 2012, p. 21.

gráficas e culturais bastante distintas, a despeito das fronteiras geopolíticas e das diferenças linguísticas.²⁰

William Walker Atkinson, o *Swami* de Baltimore

Como foi dito anteriormente, *Fourteen lessons in yogi philosophy and oriental occultism*, de Yogi Ramacharaka, foi editado pela Yogi Publication Society, de propriedade de William Walker Atkinson. A editora instalava-se no prédio mais alto de Chicago durante o período, o Masonic Temple, localizado na State Street, um colosso que contava com vinte e um andares, distribuídos entre seus noventa e dois metros de altura.²¹

Atkinson, talvez por haver sido um grande agitador na área editorial dos Estados Unidos, principalmente no ramo do espiritualismo e do “pensamento positivo”, não padece de total carência de fortuna crítica. Em um pequeno artigo voltado ao estudo de sua vida e obra²², Philip Deslippe apresenta informações sobre o autor. Nascido em Baltimore, Maryland, em 1862, ele foi um fértil escritor e dirigiu outros quatro periódicos, utilizando seu nome próprio e uma variedade enorme de pseudônimos, como Swami Panchadasi, Magus Incognito e Theron Q. Dumont.

Oriundo de uma família influente e bem estabelecida de comerciantes, o autor e advogado estadunidense enfrentou dificuldades para achar o seu lugar na sociedade, sem demonstrar, até seus vinte e nove anos, sinais de enraizamento em alguma função ou carreira específica. Aos trinta anos casou-se com Margaret Black e ingressou na Faculdade de Direito na Universidade da Pennsylvania. Por volta de 1899, Atkinson já tinha um filho pequeno e desempenhava a profissão de advogado; mas, na virada do século, segundo Deslippe, o estresse e as pressões advindas do excesso de trabalho acumularam-se, causando um colapso nervoso que marcou sua vida, chegando ele a “desaparecer” da cena social por cerca de dois meses.

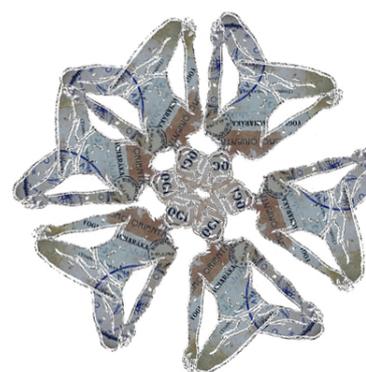
Com a ajuda da filosofia apregoada pelo movimento New Thought, sob o influxo do “pensamento positivo” e da “lei de atração”, Atkinson encontrou, segundo consta, o caminho para a saúde mental, ao aprender que os “pensamentos das pessoas influenciam grandemente o estado de sua saúde geral” e “definiam a respectiva posição a ocupar no mundo”. De acordo com Deslippe, tais ideias funcionaram tão bem que ele decidiu abandonar sua posição de advogado e se mudou para Chicago com a intenção de transmitir seus conhecimentos e ajudar as pessoas em geral.

Em 1900, com trinta e oito anos, Atkinson escreveu seu primeiro livro, o *Thought force in business and everyday life* – que viria igualmente a ser tradu-

²⁰ Ainda sobre as transferências culturais, Michel Espagne diz que “a pesquisa sobre as transferências procura examinar novas possibilidades de ultrapassar o quadro nacional da história cultural pelo estudo de forma quase micrológica do processo de translação de um objeto entre seu contexto de surgimento e um novo contexto de recepção. Esse exame obriga a valorizar o papel das diversas instâncias de mediação (viajantes, tradutores, livreiros, editores, bibliotecários, colecionadores etc.), bem como a incontornável transformação semântica ligada à importação”. *Idem, ibidem*, p. 23.

²¹ Cf. KOROM JUNIOR, Joseph J. *The American skyscraper – 1850-1940: a celebration of height*. Boston: Branden Books, 2008, p. 173-176.

²² Ver DESLIPPE, Philip. *The Swami of Baltimore: recalling the life and legacy of William Walker Atkinson. Maryland Life*, Maryland, abr. 2012.



zido e editado pela Editora Pensamento – concomitantemente ao início da escrita de artigos sobre hipnotismo para a revista *Suggestion* (1898-1906). E dessa maneira se iniciou sua carreira de trinta e dois anos como autor, palestrante e editor, que acabou rendendo melhores frutos que sua atuação anterior como advogado. Como mostra Deslippe, Atkinson misturou os aspectos místicos com os práticos, e oferecia a seus leitores meios e métodos de “melhorar suas mentes, corpos e carreiras”, graças a instruções que seriam lidas atualmente como “afirmações positivas”, “visualização” e técnicas básicas de “reflexão e meditação”. Para ele, “o pensamento e a mente teriam o poder de condicionar as circunstâncias em que o indivíduo se coloca, sendo que, uma vez que se tem controle sobre a mente, o indivíduo pode transformar diretamente, e de acordo com seu gosto, todos os aspectos relativos à vida”.²³

Após pouco mais de um ano desempenhando sua nova função como escritor, Atkinson tornou-se diretor da revista *New Thought* (1901-1910), sediada em Chicago, que sob seu comando quadruplicou o número de leitores. Foi exatamente quando encontrou sua identidade como escritor e seu estilo pessoal, que, para Deslippe, se caracteriza por ser direto, autoritário e encorajador. Ao escrever seus livros sobre ioga, ele fazia uma espécie de mescla entre preceitos gerais do hinduísmo, que começaram a ser muito difundidos no período, com suas próprias ideias de exercícios físicos e de respiração profunda. Decidiu, então, publicá-los sob o pseudônimo de Yogi Ramacharaka. A origem deste nome é incerta até mesmo para Deslippe, que acredita que na cidade onde nasceu, durante a juventude de Atkinson, aconteceram espetáculos trazidos pela Ordem dos Orioles – vinculada à Maçonaria – de temas “épicos do Oriente”, inclusive um deles dedicado a Rama-Chandra.

Deslippe afirma que Atkinson se locomovia constantemente entre Chicago e Los Angeles com sua família, cidades que se converteram em epicentro de um grande movimento espiritualista da época, e onde conheceu, ao longo dos anos, diversos missionários hinduístas, pregadores do misticismo e professores ocultistas. Chicago, principalmente, concentrou uma série de empreendimentos relacionados ao ocultismo e esoterismo, e sediou encontros da ST, como exemplifica uma coluna do jornal *Chicago Daily Tribune* de 29 de setembro de 1902. Sob o título intitulada “Abrem-se as portas do Mundo Oculto em reunião teosófica”, a matéria narra o encontro de C. W. Leadbeater e Alexander Fullerton, expoentes da ST, que proferiram palestras sobre temas como “karma e reencarnação”, “desenvolvimento da clarividência”, a “unidade e indestrutibilidade da consciência”, assuntos relacionados a uma “vida superior”. Por outro lado, o periódico *The Chicago examiner*, publicou em 1910 uma reportagem sobre os métodos de respiração e obtenção de saúde, força, vigor e vitalidade ensinados por Yogi Ramacharaka, com gravuras chamativas da anatomia dos pulmões durante a respiração profunda, instigando os leitores com a provocação “você usa seus pulmões por completo, ou apenas um terço deles?”.

Era também em Chicago que se localizava a editora dirigida por Atkinson que se especializou em publicar livros de ioga, instalada, como mencionado, no Masonic Temple, que, apesar do nome, não era totalmente consa-

²³ *Idem, ibidem*, p. 41.

grado às atividades maçônicas. Em cada um dos seus andares funcionava um empreendimento diferente, embora todos se relacionassem de certo modo ao espiritualismo e ao esoterismo, quando não a ordens secretas como a Maçonaria, que se reunia periodicamente na cobertura do edifício, no salão mais suntuoso. Por volta de 1920, contudo, Atkinson decidiu se instalar definitivamente em Los Angeles, na Califórnia, dizendo que lá o clima lembrava muito o de sua terra natal, Baltimore. E em Los Angeles fixou residência, até sua morte em 1932.

O legado de Atkinson abarca uma coleção de mais ou menos cem livros autorais e cerca de setecentos artigos em revistas do *New Thought*, produto do seu trabalho por mais de três décadas. Deslippe assegura que em períodos mais prolíficos Atkinson chegou a lançar livros diferentes no espaço de aproximadamente sete semanas entre cada edição. Esses escritos tiveram forte apelo e influência, em especial após sua morte, e se espalharam para diversas cidades do mundo, como foi o caso de São Paulo durante a *Belle Époque*. Os livros escritos sob o pseudônimo de Yogi Ramacharaka, em particular, a despeito de não serem rigorosamente baseados em clássicos da literatura védica, como o *Bhagavad gita* ou os *Yoga sutras* de Patanjali, e de não parecerem ser parte de um conhecimento passado por um legítimo guru indiano, serviram como uma influente introdução à ioga para muitos intelectuais, artistas, aspirantes ao espiritualismo e entusiastas do orientalismo.

Todavia, ele, com a transcorrer do tempo, foi caindo no esquecimento. Como esclarece Deslippe, à medida sua memória se desvanecia, várias histórias inexatas e fantasiosas apareceram sobre os livros e pseudônimos por ele adotados. Por exemplo, um de seus principais livros, o *The kybalion*, foi considerado um texto da antiguidade, e Yogi Ramacharaka muitas vezes foi tomado como um verdadeiro sábio indiano, mestre espiritual de um missionário em atividade nos Estados Unidos, chamado Baba Bharata, que teria, por sua vez, transmitido seus conhecimentos ao escritor estadunidense.

Como informa Deslippe, foi comum associar os pseudônimos de Atkinson a autores distintos, e todos esses erros e boatos são de certa forma passíveis de compreensão, pois não é usual um escritor explicitar suas estratégias comerciais para vendedores neófitos ao mesmo tempo que influencia multidões a praticar e conhecer mais sobre a ioga e, de quebra, promove um movimento em favor “pensamento positivo” que viria a impactar as ideias da era New Age, em meados do século XX.

Antônio Olívio Rodrigues e o trânsito editorial transnacional de livros de ioga

Para que as *Quatorze lições de philosophia yogi e occultismo oriental* chegassem a São Paulo logo no final da primeira década do século XX, foram fundamentais os esforços do editor luso-brasileiro Antônio Olívio Rodrigues. Leitor atualizado e atento ao que se publicava internacionalmente, interessado em livros e periódicos sobre magnetismo, ocultismo e orientalismo em geral, ele percebeu o potencial mercadológico das obras de Yogi Ramacharaka para a metrópole, então em fase de expansão, e decidiu entrar em contato com o autor, do qual obteve a autorização para a tradução, a edição e a venda desse

livro no mercado editorial brasileiro, tornando-se um pioneiro na publicação de obras do gênero.

De acordo com Adilson Silva Ramachandra, editor do Grupo Editorial Pensamento, a quem se franqueou acesso privilegiado a acervos e documentos raros da família de Antônio Olívio Rodrigues, o editor correspondia-se com várias fraternidades e ordens esotéricas, e era versado no Espiritismo, na astrologia e no magnetismo, o que o levou a se filiar a ordens esotéricas renomadas como a Ordem Rosacruz, a Ordem Martinista e a Sociedade Alquímica da França.²⁴ Existem indícios de que Rodrigues mantinha correspondência até com H. Durville, autor do primeiro livro editado pelo Brasil-Psychico-Astrologico, *Magnetismo pessoal* (1907), tanto que lhe foi outorgado o diploma de magnetizador pelo Institute Magnétique de France após várias lições recebidas por correio, feito aclamado como uma distinção notável pela imprensa paulistana da época.

Ramachandra aponta ainda que ele assinava e lia periódicos ocultistas franceses como *L'initiation* (1888), *Le voile d'Isis* (1890) e *La vie mystérieuse* (1909), tidos como fundamentais pelos integrantes do círculo de Gérard Anacleto Vincent Encausse²⁵, cujos escritos eram familiares a Rodrigues.²⁶ Por um curto tempo ele frequentou a primeira filial da Ordem Martinista no Brasil, a Loja Amor e Verdade, fundada em 1907. Tal loja foi presidida por Horácio de Carvalho, iniciado por Papus pessoalmente, e tinha como seu secretário o maçom Raul Silva – que viria a ser um dos maiores colaboradores da revista *O pensamento* e autor de diversos livros lançados pela Editora Pensamento –, além de várias outras personalidades ilustres no período, como José Luiz de Almeida Nogueira, senador do estado de São Paulo, Eduardo de Carvalho, cônsul do Uruguai, Miguel Mugnani, diretor da Seção do Tesouro do Estado de São Paulo, Herculano José de Carvalho, que fora cônsul na Suíça, A. Baptista, chefe dos escritórios da São Paulo Railway, e Genésio Rodrigues, que, fluente em francês, traduziu, entre outras obras, *Magnetismo pessoal*, primeiro livro editado pela Editora Pensamento em 1907.²⁷ Sobre essa época, Rodrigues relatou:

Certa ocasião, devia ser pelo ano de 1905 (não me recordo agora a data), estava eu, à tardinha, contemplando de uma janela o firmamento, como que a perscrutar o abismo do infinito. Surgiu então em meu espírito a ideia vaga de uma sociedade em que todos os amantes da Verdade pudessem abrigar-se, sem distinção de casta, raça, cor, religião, sexo, credo político e filosófico, e que comungassem dos mesmos ideais. Passou-se o tempo, até que, em 1906, entrei em contato com alguns pioneiros do espiritualismo no Brasil. Em 1907, fundou-se em São Paulo a Loja Ocultista “Amor e Verdade”, da qual

²⁴ Ver RAMACHANDRA, Adilson Silva. *Pensamento em mutação: a trajetória de uma editora - 1907-2007*. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 2010.

²⁵ Fundada por Gérard Encausse (1865-1916), mais conhecido no meio ocultista pelo seu nome de iniciado, Papus, a Ordem Martinista é uma sociedade para maçônica e uma ordem iniciática, que visa resgatar, acima de tudo, aspectos do esoterismo judaico-cristão, tal como a Cabala, cujas principais referências são os supostos documentos do maçom francês Martinez de Pasqually (1727-1779). Obras sobre o martinismo foram sistematicamente traduzidas e publicadas no Brasil pela Editora Pensamento desde a primeira década do século XX.

²⁶ Cf. RAMACHANDRA, Adilson Silva, *op. cit.*, p. 38.

²⁷ Ver *O Pensamento*, ano I, n. 1, São Paulo, 1907.

*fiz parte e que teve vida efêmera, desaparecendo poucos meses no esquecimento, porém, deixando em meu espírito uma viva recordação.*²⁸

Não é de se espantar que ele tenha decidido entrar no ramo, uma vez que era um entusiasta do espiritualismo e do orientalismo²⁹, e que se empenhasse na realização de seu próprio empreendimento editorial, em São Paulo, onde seria um mediador cultural pioneiro entre o mercado editorial internacional, do qual a ioga e as filosofias orientais em geral fazem parte, e o público leitor brasileiro, particularmente o paulistano, que estava em constante crescimento. Ao ler periódicos espiritualistas franceses, Rodrigues certamente tinha acesso a um extenso catálogo de livros, sobre todo tipo de assunto mágico, esotérico e ocultista, como *Essai d'initiation à la vie spirituelle* (1908), de Lebel, *L'occultisme e le spiritisme* (1909), de Papus, ou *La magie* (1910), de J. G. Bourgeat. Divisando uma promissora oportunidade de negócio, ele tornou-se então um agente difusor de obras ainda inéditas na metrópole em ascensão, criando o primeiro e único repositório de livros de ioga disponível em São Paulo durante a década de 1910.

Em 1907, Rodrigues mudou-se para uma casa na Rua da Glória, nº 2-B, onde passou a residir nos fundos e montou, na frente, um bazar em que se vendia toda sorte de materiais de papelaria, o Bazar da Glória. Nesse mesmo imóvel, instalou uma espécie de consultório, que ele chamou de Escritório do Brasil-Psychico-Astroológico, de onde administrava a edição dos livros e da revista. Nele Rodrigues fazia leituras de horóscopos a pedido de seus leitores, que se mostravam cada vez mais numerosos. Entre 1907 e 1913, com recursos próprios, ele fundou a Livraria d'O Pensamento, que publica mensalmente a revista *O Pensamento* (1907-atual) e, anualmente, o *Almanach d'O Pensamento*. Criou ainda o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, uma sociedade livresca, formada principalmente por leitores que se reuniam com o intuito de discutir as obras lançadas pela editora, e realizar como que um culto ao “magnetismo do pensamento positivo”, um ato de “irradiação mental”.

Quando analisamos o número de maio de 1908 de *O pensamento*, um dos anúncios, que ocupa praticamente duas páginas, é exclusivamente sobre a revista portenha *La Verdad* (1905-1911). Nele se percebe uma clara intenção de Antônio Olívio Rodrigues em promover o periódico teosófico de Buenos Aires, inclusive se responsabilizando pelo recolhimento de novas assinaturas e divulgando uma tabela de prêmios para quem angariasse mais assinantes (entre os prêmios figuravam um volume do livro *Luz en el sendero* (1885), tradução da obra de Mabel Collins, autora ligada à ST, e um exemplar de *La ciencia hindú-yogi de la respiración* (1903), versão da obra de Yogi Ramacharaka para o espanhol).

A partir do momento em que esses livros de ioga em espanhol começaram a ser anunciados e comercializados via catálogos presentes em *La Verdad*, e até mesmo transcritos em suas colunas, a revista portenha se converteu em

²⁸ Palavras de Antônio Olívio Rodrigues, retiradas de seu discurso em comemoração aos 25 anos do C.E.C.P, publicado em 1934 em *O Pensamento*. Apud RAMACHANDRA, Adilson Silva, *op. cit.*, p. 35.

²⁹ Neste artigo, concebe-se como espiritualista todo e qualquer assunto que trate de fenômenos que se reputam fantásticos, paranormais e que desafiam as leis da física, bem como remetam, de alguma maneira, a uma relação com os espíritos, com o além-túmulo, com entidades, divindades e energias sutis e extrafísicas.



um mediador entre eles e seus eventuais leitores argentinos e, como veremos a seguir, entre seus leitores brasileiros. Com os anúncios estampados em *O Pensamento*, há fortes indícios de que, pela primeira vez, em dezembro de 1907, Rodrigues divulgou um livro de ioga escrito por Yogi Ramacharaka, que pode inclusive ser um dos primeiros anúncios do gênero na história do mercado editorial paulistano (mas tal obra estava escrita em espanhol, já que era oferecida por um Centro de Publicaciones Yogis, talvez uma filial da Yogi Publication Society de Atkinson na Argentina).

Portanto, *La Verdad* funcionou como um elo ao estabelecer uma primeira ponte que ligou os livros editados em Madras, pela ST, e em Chicago, por Atkinson, aos leitores portenhos. Todavia, a importância de *La Verdad* na mediação de livros de ioga não se limitaria apenas ao público leitor argentino; ela se estenderia a outros países da América do Sul, como foi o caso do Brasil.

Outro indício sobre o trânsito editorial transnacional das obras de Yogi Ramacharaka aparece no prefácio de mais um livro de ioga publicado pela Brasil-Psychico-Astrologico, o *Hatha yoga ou philosophia yogi do bem estar physico* (1910), que evidencia alguns elementos de uma suposta comunicação entre Antônio Olívio Rodrigues e William Walker Atkinson. Nesse texto, Rodrigues se queixa de precisar repetir o conteúdo de outros livros nessa edição e relata que solicitou a Atkinson que escrevesse uma espécie de apologia para compensar tal repetição. Observe-se o prefácio data de 1910, ano em que foi editado o livro que é objeto deste artigo:

Nós nos limitamos a passar para estas páginas o que foi dito na edição inglesa publicada por “The Yogi Publication Society” sob este título: A nossa intenção primitiva enquanto preparavamos a publicação deste livro, e com effeito até quasi esteve no prelo, era que deveria ser, em certo modo, um supplemento do nosso pequeno livro ‘Sciencia da Respiração’ do mesmo autor; isto é que deveria tratar do assumpto de ‘Hatha Yoga’ com exepção da face do mesmo assunto (respiração, etc.) que já havia sido tratada naquelle livro. Mas, no último momento, pensamos que seria um erro publicar um livro sobre Hatha Yoga omitindo uma parte tão importante como é a da Respiração Yogi, mesmo quando tivesse sido tratada em outro livro. [...] Pedimos ao autor que escrevesse um prefácio, mas declinou fazê-lo, porque crê que o livro deve falar por si mesmo e não lhe apraz a idea (como o declarou) de “introduzir a sua personalidade” na opinião de seus leitores, sustentando que a verdade deve ser evidente por si mesma, sem ter necessidade de uma influênciã pessoal para torna-la verdade. Portanto sirvoam essas palavras como que de prefácio. Como nas obras anteriores, procuramos na presente traduzir o pensamento do autor do modo mais fiel que nos foi possível.³⁰

Esta passagem caracteriza uma mediação direta dos livros do autor estadunidense, pelo editor luso-brasileiro, para o público leitor paulistano. É também um indicativo de que a tradução da obra para o português foi efetivamente autorizada.

³⁰ RAMACHARAKA, Yogi. *Hatha yoga ou Philosophia yogi do bem-estar physico*: contendo numerosos exercícos. São Paulo: Brasil-Psychico-Astrologico, 1911.

Um livro de ioga na São Paulo da *Belle Époque*

Ao que tudo indica, durante os primeiros anos de existência da editoria do Brasil- Psychico-Astrologico, embrião da Editora Pensamento, a falta de capital e o fato de se tratar de um empreendimento incipiente fizeram com que os livros de ioga mediados por Antônio Olívio Rodrigues fossem impressos em oficinas tipográficas terceirizadas. Não foi possível saber exatamente o tipo de maquinário e mão de obra utilizados nas impressões de *Quatorze lições de philosophia yogi e occultismo oriental*, mas, a julgar pela análise do primeiro número da revista *O pensamento*, é provável que tenha sido produzido na Typographia Nacional de Carlos Borba, localizada na Rua 11 de Agosto, nº 29. Esses livros, cuja produção era terceirizada, foram sendo vendidos e o lucro daí advindos deve haver financiado, mais adiante, a aquisição de maquinário editorial próprio Rodrigues.

Encontrar dados sobre a recepção e leitura dessas obras de ioga não é tarefa simples. Tendo em vista que a interpretação histórica da leitura e das práticas dela decorrentes é extremamente difícil de realizar, notadamente por dependerem de subsídios imateriais e por estarem repletas de aspectos subjetivos, pessoais, convém dizer logo de cara que não existem, ainda, muitas possibilidades a serem exploradas. É possível considerar, entretanto, que o público leitor de livros de ioga da época se dividiu em três categorias. A primeira era a dos adeptos dos Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, pessoas centrais nesse processo, bastante envolvidas na administração, organização, difusão, leitura e discussão dos temas difundidos pela Editora Pensamento, dentre eles, a ioga. Leitores assíduos, portanto, habituados a debater ativamente as obras de Yogi Ramacharaka durante leituras que muito provavelmente ocorriam em grupo, em reuniões periódicas.

A segunda categoria se compunha de discípulos comuns, de patente mais baixa, que não assumiram cargos administrativo e que não tiveram participação destacada na organização do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, mas que eram eventuais frequentadores e ouvintes nas reuniões, muitos deles sendo possíveis assinantes de *O pensamento*. Sua modalidade de leitura principal foi, ao que tudo indica, particular e silenciosa, feita em casa ou na biblioteca.

A terceira categoria, por fim, era formada pelo público leitor comum, sem vínculo ou ligação direta com as atividades do círculo e que tampouco assinava a revista, embora possa ter tido, em algum momento, acesso aos livros de ioga do Yogi Ramacharaka. Esse público leitor comum contava com a possibilidade de se informar sobre eles, gratuitamente, na sala de leitura pública, mantida por Antônio Olívio Rodrigues, na sede do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, desde 1909.³¹

Além dessa categorização do eventual público leitor da ioga, vale a pena salientar que os primeiros livros do gênero terem sido de bolso, o que permite supor que a sua leitura poderia se dar em qualquer lugar, em qualquer horário, inclusive no transporte público, durante as rotinas diárias de deslocamento de casa para o trabalho, ou durante os intervalos entre os tur-

³¹ Cf. SILVEIRA, Bruno Guaraldo de Paula, *op. cit.*, p. 107.

nos. A possibilidade de levá-los para qualquer lugar é um elemento revelador de que a prática de leitura da ioga admitia várias alternativas, quer em casa ou ambientes públicos como cafés, bares, restaurantes, em voz alta ou de maneira silenciosa, e, talvez acima de tudo, em momentos de meditação e recolhimento.

Quanto à recepção, uma carta enviada pelo editor da revista *Minas Espírita* para Antônio Olívio Rodrigues é por si só significativa:

Foram-nos oferecidos pelo 'Brasil-Psychico-Astrológico' de São Paulo as seguintes e importantes obras – Quatorze Lições de Philosophia Yogi e Occultismo Oriental. Um grosso volume de 351 páginas. O assumpto de que trata esta obra é dos mais palpantes e instructivos. O estudioso nelle recebe vastos conhecimentos sobre as cousas occultas, tornando-se por isso útil a si e à humanidade. [...] Recommendamos todas estas obras aos nossos confrades e principalmente áquelles que tiverem dúvidas sobre o Além, certos de que assim prestaremos um valioso serviço ao nosso próximo. Summamente gratos à gentileza do Editor.³²

Este excerto, um dos poucos indícios encontrados até o momento sobre a recepção do livro *Quatorze lições de philosophia yogi e occultismo oriental* por um leitor da época, contém um rasgado elogio, publicado em *O pensamento*, sobre uma das obras vendidas em seu catálogo, O intuito óbvio consistiu em recomendá-la e vendê-la aos demais leitores, até porque, logicamente, a revista não publicaria eventuais reações negativas ou desfavoráveis à sua mercadoria. De todo modo, parece que o livro foi bem acolhido pelo público, não constando nada em sentido contrário, pelo que apuramos.

Nessa história do trânsito editorial da produção de Yogi Ramacharaka dos Estados Unidos para o Brasil, esclareça-se que suas obras figuraram, por muitas décadas, como as únicas referências aos leitores interessados no assunto, razão pela qual podem ter inspirado a escrita dos primeiros livros totalmente brasileiros sobre ioga, como é o caso dos livros publicadas meio século depois, na década de 1960, como *A libertação pelo yoga* (1960), do general Caio Miranda, e *Autoperfeição com hatha yoga* (1962), de José Hermógenes Filho.

Após a análise dos aspectos mais relevantes de *Quatorze lições de philosophia yogi e occultismo oriental* (1910), expostos até o momento, concluímos que as ações de Antônio Olívio Rodrigues foram de extrema importância para a efetivação do trânsito editorial transnacional do primeiro livro de ioga entre Chicago e São Paulo, em princípios do século XX, movimento que deu início a um nicho longo e bem-sucedido do mercado editorial paulistano, que perdura até os dias atuais. Ao longo de mais de cem anos de existência, as obras de Yogi Ramacharaka exerceram grande influência sobre os leitores e praticantes de ioga brasileiros, fato atestado pelas suas grandes tiragens. Daí mobilizarem apreciável capital e configurarem um verdadeiro fenômeno editorial transnacional.

Artigo recebido em 7 de março de 2023. Aprovado em 30 de março de 2023.

³² *O Pensamento*, n. 26, São Paulo, jan. 1910, p. 392.